

A INDISCIPLINA NA ESCOLA: DESAFIOS E TRANSFORMAÇÕES

Claudeneu Licínio Oliveira
Antônio José Müller

Universidade Regional de Blumenau

RESUMO: Esta é uma pesquisa qualitativa, bibliográfica/documental, cujo objetivo é contextualizar os problemas enfrentados com a indisciplina na escola em uma situação que envolve os educandos, os profissionais da educação e as famílias; aborda a problemática da indisciplina nas escolas, expondo as dificuldades que a comunidade escolar tem enfrentado nos últimos anos. Pais, professores e equipe técnica e pedagógica sofrem diariamente com o mau comportamento dos alunos, que por desafiarem a lógica do controle escolar, são taxados de incompetentes, não preparados, menores infratores, por não

aderirem ao modo disciplinar imposto pelo sistema escolar. Os efeitos são percebidos na indisciplina diária dentro e fora da escola. Este texto discute o cenário contemporâneo das escolas públicas do Brasil, destacando a relação entre aluno-escola-família. O texto analisa, ainda, quais os fatores comportamentais que interferem nas relações dos estudantes e seus professores em sala de aula, o desinteresse pelo estudo e os prejuízos no processo de ensinar e aprender, para a construção do conhecimento e o exercício da cidadania.

PALAVRAS-CHAVE: Indisciplina; Escola; Família.

INDISCIPLINE IN SCHOOL: CHALLENGES AND TRANSFORMATIONS

ABSTRACT: This is a qualitative, bibliographical/documentary research with the objective of contextualize the problems faced with an indiscipline in the school in a situation that involves the students, the professionals of the education and the families; It addresses the problem of indiscipline in schools, the performance as difficulties that a school community has faced in recent years. Parents, teachers and technical and pedagogical staff suffer daily from the misbehavior of students, who by challenging a logic of school control, are labeled as incompetent, unprepared, minor

offenders, because they do not adhere or discipline mode imposed by the school system. The effects are perceived in daily indiscipline in and out of school. This article approaches the contemporary scenario of public schools in Brazil, highlighting a relationship between student-school-family. The text also analyzes which behavioral factors interfere in the relations of students and their teachers in the classroom, the lack of interest in the study and the losses in the process of teaching and learning, for the construction of knowledge and the exercise of citizenship.

KEYWORDS: Indiscipline; School; Family.



1 INTRODUÇÃO

A indisciplina nas escolas tem se mostrado como um grande problema que preocupa aos professores, coordenadores educacionais, diretores, pais e especialistas da educação. Em função dessa problemática que atinge a todos os sujeitos envolvidos no processo educacional, constantemente são discutidos sobre os diferentes motivos e fatores que geram as ações e atitudes indisciplinadas nas escolas. Os professores afirmam que os problemas disciplinares estão relacionados à falta de interesse dos alunos, tendo em vista que muitos alunos frequentam a escola porque os pais os obrigam, além desses fatores destaca-se, ainda, que muitos estudantes não possuem incentivos dos pais, pois muitos trabalham e ao chegar em casa não manifestam preocupação com relação as atividades escolares de seus filhos, com isso os filhos ficam cada vez mais sozinhos e percebe-se claramente a falta de limites dos educandos, falta de limite esta, que reflete não só em casa como também na escola.

Já os alunos afirmam que são indisciplinados porque os conteúdos trabalhados na escola não condizem com sua realidade, alegam também que o autoritarismo e os métodos tradicionais utilizados pelos professores são os responsáveis pelos problemas de indisciplina na escola, pois, os educadores não tornam suas aulas dinâmicas e que só frequentam a escola por insistência dos pais, sendo que não entendem por que aprender alguns conteúdos já que eles não vão usar em sua vida cotidiana. Os pais, por conseguinte, culpam os professores, alegando que estes não possuem autoridade, enfim, são muitos os culpados, mas o que podemos realmente afirmar é que uma das maiores dificuldades encontradas pelo professor para exercer o seu trabalho na atualidade está relacionada à indisciplina dos alunos.

Nos sites do “Correio Brasiliense” e do “G1” foram publicadas, no ano de 2015, matérias de uma pesquisa internacional sobre o Ensino e Aprendizagem, intitulada de *Teaching and Learning Internacional Survey*, Talis (Ensino e Aprendizagem Internacional, Talis). Os dados foram levantados no ano de 2013



com alunos do ensino fundamental e ensino médio (alunos de 11 a 16 anos), em 33 países pela Organização para a Cooperação de desenvolvimento Econômico – OCDE, chegando a estes resultados preocupantes, principalmente no que diz respeito aos comportamentos e as relações entre alunos e professores brasileiros.

Guilherme (2015) ressalta que pesquisa da OCDE (2013) aponta que no Brasil, os professores levam em média 20% do tempo de sua aula para acalmar os alunos, para a partir daí, poderem iniciar suas atividades de forma mais ordeira, já a média dos demais países pesquisados é de 13% desse tempo, desta forma ficando o processo de ensinar e aprender prejudicado. Outro fator relevante segundo a pesquisa, é que o Brasil aparece em primeiro com maior índice de alunos problemas em sala de aula, destacando que em um percentual de 60% dos professores têm 10% de alunos com esse perfil em sua turma. Os índices da referida pesquisa foram tirados de questionários respondidos por 14.291 professores; 1.057 diretores de 1070 escolas pesquisadas.

Colocando os números em evidência, sobre Brasil, a pesquisa ressalta as seguintes questões que descrevem a indisciplina ou a dificuldade encontrada pelos professores para manter a sua sala de aula organizada e pronta para ensinar:

No Brasil, a pesquisa aponta, segundo Guilherme (2015), que apesar de ser o menor dos índices pesquisados, os alunos chegam atrasados em média 51,4%, enquanto que nos demais países mencionados na pesquisa, esta média é de 51,8%; mantem-se na média quanto faltas às aulas com 38,4%; em primeiros no ranking estão Suécia (67,2%), Finlândia (64%) e Canadá (61,8%). Quanto ao vandalismo e roubo, o Brasil tem que se preocupar em reverter tal situação, pois ocupa o segundo lugar com 11,8%, atrás apenas do México com 13,2%.

Nos casos comportamentais e relação com o outro, os resultados descritos na pesquisa (OCDE, 2013) sobre a Intimidação verbal entre alunos o Brasil lidera a pesquisa com 34,4% dos relatos de professores, seguido pela Suécia (30,7%) e Bélgica (30,7%); Ferimentos em briga de alunos, o Brasil aparece em quarto lugar



com (6,7%), neste caso o México lidera com (10,8%); o uso de drogas e/ou álcool o Brasil é o primeiro com (6,9%) o segundo é o Canadá com (6%). Os alunos brasileiros apareceram nas pesquisas como mais indisciplinados, cujo dado intimidação verbal de professores ocupa o primeiro lugar no ranking com (12,5%), esses professores se sentiam ameaçados constantemente por seus alunos, em segundo lugar ficou a Estônia com (11%).

A pesquisa ainda levantou sobre a formação dos professores, sendo que apenas 25% dos 90% professores habilitados com ensino superior que atuam no Ensino Fundamental dos anos finais fizeram cursos de formação de professores, desta feita, isso demonstra as reais condições do ensino brasileiro.

Segundo Ricardo Senra, da BBC Brasil (2014), em sua matéria intitulada: “Escolas, alunos, e professores ‘não falam a mesma língua’”, destaca que ao ouvir especialistas da educação que afirmam que não se pode culpar apenas os alunos pelas agressões e atos de indisciplinas nas, mas também professores e currículo escolar defasado.

A reportagem realizada pela BBC Brasil, que ouviu diretores, alunos, professores e especialistas em educação, aponta diversas situações para os atos de agressões e indisciplinas nas escolas, tais atos estariam ligados a um histórico familiar fragmentado e desestruturado dos alunos; a falta de políticas públicas para a estruturação e aparelhamento, visto que as escolas vivem em um processo de abertura já há 50 anos com acesso à educação para as classes populares que massificaram as escolas; a falta de segurança pública nos arredores da escola e também professores mal preparados e até mesmo agressivos, com uma formação questionável, não conseguem demonstrar autoridade em sala de aula, não conquistam seus alunos, se colocam sempre como vítimas, por sua vez as escolas se isolam das comunidades, se afastam das famílias e não se atualizam.

O que se percebe é que existe certo descompasso, as estruturas escolares de hoje seriam para atender uma educação do século XIX, os professores planejam



suas aulas a serem ministradas com livro, giz e quadro negro para alunos do século XX e se deparam com alunos conectados da era tecnológica atraente do século XXI, como computador, *notebook*, celular, Facebook, WhatsApp, blogs, Instagram, TV, conteúdo do Google etc.

É notório que na atualidade os alunos mudaram, o modelo de família mudou, entretanto, a escola na maioria das vezes não mudou, a ela só foram atribuídas mais funções do que ela já possuía, sendo que tantas e tão diversificadas funções transformaram as escolas em uma extensão da casa e da família, tendo em vista que as crianças acabam permanecendo mais tempo na escola do que em casa na companhia dos pais, as mães hoje trabalham fora e as crianças estão indo cada vez mais cedo para a escola, os pais chegam em casa e muitos dos casos, não se preocupam em saber o que o filho fez no decorrer do seu dia ou o que fizeram na escola, querem mesmo é assistir ao jogo ou ver a novela. Para os filhos, que se veem sem as cobranças dos familiares, fica cômodo alegar que os professores são autoritários, que a escola é arcaica, enfim, são essas e muitas outras questões que os alunos alegam na hora em que são cobrados com relação a sua educação.

Como consequência das mudanças ocorridas na sociedade, observamos diariamente na escola o aumento nos casos de violência e indisciplina, logo, fica o questionamento: a escola está conseguindo lidar com essa nova realidade? Sabemos que as escolas são responsáveis por transmitir valores morais socialmente construídos, exercendo um papel decisivo nas mudanças sociais, assim como preparar seus alunos para o mercado de trabalho e para exercer o seu papel de cidadão na sociedade. Entretanto, a escola estaria conseguindo cumprir com os papéis que lhes foram atribuídos?

O que podemos perceber é que na atualidade a escola tem passado constantemente por muitos problemas, é muito comum ouvir dos profissionais da educação que os educandos estão cada vez mais indisciplinados, que não se comportam e que muitas vezes só frequentam a escola insistência dos pais, pois estes não demonstram interesse algum em estudar.



Nesse contexto, afirma-se que muitas são as problemáticas relacionadas à educação, a indisciplina, a violência, a falta de interesse dos alunos em estudar, entre outros, que tem causado muitos problemas para os profissionais da educação. Contudo, neste trabalho iremos dar ênfase na questão da indisciplina dos educandos.

Segundo Paulo Freire (1996) o educador deve conhecer a realidade do aluno, pois é nela que ele desenvolve seus instintos e faz eclodir a indisciplina. Assim, os conflitos promovidos pelos alunos não são considerados apenas por fatores isolados, mas de uma diversidade de influências que recaem e marcam a criança e o adolescente no seu processo de aprendizagem e convívio com outro.

Vale destacar também, que os professores se sentem incapazes de agir diante de atos de indisciplina, existe uma insuficiência de orientações sobre sua ação em sala de aula em relação à indisciplina cometida por seus alunos, desta feita, ele utiliza apenas o bom senso e sua experiência adquirida ao longo de sua trajetória profissional para minimizar os conflitos tão frequentes.

Torna-se necessário elaborar novas propostas, criar novos mecanismos, novas metodologias e oportunizar novas possibilidades para a construção de políticas públicas e pedagógicas que atendam às necessidades para a melhoria do processo de ensino e aprendizagem, bem como ofertar condições reais para o bom relacionamento entre os sujeitos que compõem cada unidade de ensino e a qualificação da educação.

2 A RELAÇÃO FAMÍLIA, ESCOLA E A INDISCIPLINA DOS ALUNOS

Não podemos falar em problemas disciplinares dos educandos sem considerarmos a relação familiar, tendo em vista que esta é um fator primordial para o desenvolvimento das atitudes dos alunos, afinal as crianças têm nos pais os seus primeiros educadores, pois a ação educativa da família se inicia no berço. Geralmente, as crianças que têm limites claros, definidos e justificados pelas



famílias têm atitudes diferenciadas em sala de aula, são menos agressivas, respeitam os colegas e normas da escola.

Outro contexto a ser considerado é que as crianças têm nos adultos o seu espelho, muitas vezes, as atitudes desenvolvidas por eles nas escolas são reflexos do que elas vivenciam em casa, na rua ou até mesmo na escola. É óbvio que se eles vivem em um ambiente violento, no qual os pais se agredem constantemente e os agredem também, não existindo diálogo, o aluno certamente irá manifestar atos de violência e agressividade no seu dia a dia, tanto na escola quanto em qualquer outro ambiente da sociedade em que ele se encontre.

Em contrapartida, se ele vive em um ambiente no qual a compreensão e o diálogo são frequentes, provavelmente ele será na escola um aluno compreensivo que saberá se relacionar com os colegas e professores. Na vida das crianças se entrelaçam o emocional e o intelectual, o pensar e o fazer.

O que vemos na atualidade é que com o novo modelo de família, não tem mais como prescindir da ajuda de terceiros, neste mundo em que pai e mãe trabalham fora, os filhos ficam cada vez mais aos cuidados das babás, avós, creches ou até mesmo sozinhos em casa, sendo cuidado pelos irmãos mais velhos. Sabemos que a escola é essencial na educação dos filhos, a escolha de uma boa instituição de ensino, o preparo da mochila e as lições de casa são fundamentais porque o estudo é obrigatório, mas isso deve ser feito pelos pais, cabe a eles essa preocupação e esse papel. Pai e mãe não podem abrir mão de sua função, delegando seu poder a outros, e necessário se fazer presente na vida escolar dos filhos, para que eles saibam discernir a educação que vem da escola e a educação que obrigatoriamente tem que vir da família.

A estrutura escolar não pode ser vista desvinculada da família, conseqüentemente, a escola é afetada pelas mudanças dos paradigmas na estrutura familiar. Segundo Aquino (1996), na verdade são elas (escola e família)



as duas instituições responsáveis pelo que se denomina educação no sentido amplo.

Neste sentido, o professor considera a educação familiar como condição primordial para o melhor exercício de seu trabalho, ou seja, a educação familiar e escolar devem se complementar com o objetivo de melhorar o processo educacional. Não pode existir por parte da família, a atribuição completa da educação de seus filhos à instituição educacional bem como, a escola não pode se eximir por completo da educação de seus alunos.

A indisciplina seria indício de uma carência estrutural que se alojaria na interioridade psíquica do aluno, determinada pelas transformações institucionais na família e desemboca nas relações escolares (AQUINO, 1996, p. 48).

Para Aquino (1998, p. 7), “[...] as crianças de hoje em dia não têm limites, não reconhecem a autoridade, não respeitam as regras, a responsabilidade por isso é dos pais, que teriam se tornado muitos permissivos”. É comum algumas pessoas mais idosas dizerem: “no meu tempo não era assim, havia respeito pelos pais, avós e professores, agora essas crianças não respeitam mais ninguém”. Hoje em dia torna-se mais difícil se promover a disciplina e se fazê-la respeitar, as transformações comportamentais ao longo do tempo, as evoluções tecnológicas tornaram as crianças mais “independentes”, com isso, tornaram-se menos dispostas a obedecerem às regras e à autoridade dos adultos, ficaram menos tolerantes, sem limites, acham que são donas de si mesmas. Muitos desses comportamentos são reflexos de suas estruturas familiares, ora por situações precárias e violência doméstica física ou verbal, ora por pertencer à classe mais favorecida sendo mimadas e acharem que podem ter tudo o que desejam, principalmente ser o centro das atenções.

Portanto, considera-se que a estruturação psíquica prévia ao trabalho pedagógico é, primeiramente, responsabilidade da família, tornando-se difícil para a escola assumir essa tarefa, pois uma de suas funções está relacionada ao ensino



do conhecimento científico, entretanto, o que tem acontecido na atualidade é que os pais almejam muito mais da escola e conseqüentemente dos professores, muitos pais inclusive se eximem de sua função de educar e disciplinar, tendo em vista que é comum observarmos os pais atribuírem à escola não só a função de transmitir os conteúdos científicos e socialmente construídos, mas atribuem também à função disciplinadora dos filhos, tudo isso pode ser constatado a medida que muitos pais não participam da vida escolar dos filhos. Em contrapartida, os professores atribuem totalmente aos pais essa tarefa, contudo, o que percebemos é que está ocorrendo uma crise na relação família e escola, assim sendo, visualizamos uma falta de clareza sobre os sentidos da educação, tanto pela família quanto pela escola. Neste contexto, Tiba faz a seguinte consideração:

Não adianta a escola atribuir à educação de seus alunos aos respectivos pais nem os pais exigirem da escola tal função. A situação atual é conflitiva e temos de ajudar a resolvê-la para o benefício de uma geração, pois a educação virou uma batata quente que ninguém quer segurar (TIBA, 1996, p. 15).

Ratificando, a escola não pode se eximir da sua função de contribuir com a formação psíquica do aluno, mas trabalhar juntamente com a família na construção de limites e valores, desse modo, ele estará proporcionando a melhoria da educação, tanto no que se refere à indisciplina como também na aprendizagem dos alunos, aos pais também cabe repensar a importância de seu papel na vida dos seus filhos, acompanhar a sua vida na escola, as reuniões, o dever de casa, os horários para o estudo, impor limites, trabalhar valores e com isso contribuir com a educação das futuras gerações. Dessa forma, pais e educadores estarão contribuindo para a melhoria na qualidade da educação.

3 A ESCOLA E OS PROBLEMAS DISCIPLINARES DOS ALUNOS

Na escola o professor é desafiado e solicitado a motivar seus alunos para a aprendizagem de matérias que não se ligam à vida diária. É possível afirmar que



atualmente ir para a escola não apresenta significado para os educandos, e esta desmotivação se agrava quando o entusiasmo e alegria não fazem parte da aprendizagem. É muito comum ouvirmos por parte dos alunos os seguintes protestos: “*não sei para que aprender tal conteúdo, não vou usar mesmo*”, “*esse professor sempre fala a mesma coisa, abra o livro na página tal, não aguento mais isso*”. Nesse sentido, uma das maiores tarefas do professor consiste em proporcionar atividades em que o educando possa encontrar significado pessoal e que tenham aplicação em sua vida, fora da escola.

Dessa forma, professores e alunos desenvolvem relações conflitantes que muitas das vezes chegam ao extremo em que o aluno não consegue aprender e o professor não vê o aluno como ser participante e ativo do processo ensino-aprendizagem, gerando desconforto para ambos e o aluno manifestando suas frustrações e reações através de comportamentos considerados indisciplinados, ou até mesmo violentos.

Essa relação conflituosa e intransigente entre aluno e professor, às vezes, geram formas de protestos, ações de rebeldia e indisciplina, e que o professor, seja qual for a sua característica, sempre deixará sua marca na vida e no desenvolvimento intelectual do aluno.

O professor autoritário, o professor licenciado, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum deles passa pelos alunos sem deixar sua marca (FREIRE, 1996, p.73).

Nesse contexto, não podemos deixar de associar aos problemas disciplinares da atualidade a questão do professor ainda idealizar a escola de outrora, indo de encontro com a sociedade e o contexto social da atualidade, na qual os alunos estão inseridos, tendo em vista que a escola de antigamente era um espaço militarizado e antidemocrático.

Logo, faz-se necessário que os professores entendam, ou até mesmo aceitem que a educação passou por um processo de transformação, tornando-se mais



democrática, assim como a sociedade também mudou. O aluno de hoje questiona, propõe, faz reflexões e se inquieta. Diferente do aluno de outrora, que se sentia amedrontado e que recebia tudo sem questionamentos.

Desta forma, a educação que seria um direito dos alunos, passaria a ser negada em favor de uma suposta qualidade da educação de antigamente, educação esta, que era elitista e não dava a oportunidade para que todos pudessem sentar nos bancos escolares para adquirir conhecimento. Educação esta, na qual o aluno era submisso e recebia de forma passiva as regras impostas pela escola, muitas vezes, temiam o professor, não por respeitá-lo, mas por ter medo da punição que receberia na escola e em casa por parte dos pais.

É possível afirmar, então, que essa suposta escola de excelência de antigamente, funcionava, na maioria das vezes, na base da ameaça e do castigo – traços nítidos de uma cultura militarizada [...] daquela época sombria da história brasileira. Estamos nos referindo, é claro, à ditadura militar (AQUINO, 1997, p. 5).

Com Paulo Freire (1996, p. 96) “o bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento”, compreendemos, então, que os professores deveriam perceber que o ambiente da sala de aula pode ser melhorado através da dinâmica relacional do docente com a turma, assim, os resultados positivos esperados poderão surgir. No entanto, o professor necessita combinar ações de autoridade com respeito e afetividade, ao momento em que também precisa estabelecer regras, evidenciando o que se espera da relação de ambos em face ao respeito mútuo.

Desta forma, se constata que os educandos de hoje não viveram nesse passado de repressão, militarismo e obediência cega aos professores, mas sim, que eles são frutos de outras coordenadas históricas, são frutos de um país democrático, isso nos faz repensar que a escola necessita também se democratizar.

O papel do professor é imprescindível na educação, não como a figura central, mas como uma espécie de coordenador no processo educacional, já que, trabalhando a sua autoridade de forma democrática, cria, em conjunto com os



alunos, uma escola mais interessante, que estimula e desafia seus educandos, tornando o espaço escolar significativo e atraente para todos os envolvidos no processo educacional.

Pode-se afirmar que o ofício docente exige a negociação constante, quer seja com relação à definição de objetivos e às estratégias de ensino e de avaliação, quer com relação à disciplina, pois esta, se imposta autoritariamente, jamais será aceita pelos alunos (DE LA TAILLE, 1996, p.14).

Muitos dos conflitos existentes nas escolas atualmente devem-se, também, ao modelo pedagógico da coletividade, baseado no princípio de ensinar a muitos como se fossem apenas um. É obvio que os educadores encontram dificuldades de lidar com a heterogeneidade existente em suas classes. Surge a necessidade de se reinventar a escola, torná-la mais moderna, democratizá-la, capacitar constantemente seus professores e repensar a sua forma de funcionamento, talvez, dessa forma a escola pudesse diminuir seus problemas de indisciplina.

Ao longo do processo de ensino e aprendizagem apesar de que o professor não veja as mudanças de comportamento que se espera do educando, haja vista que se trata de um processo em aperfeiçoamento cujo intuito seria o melhoramento das relações sociais dos educandos e os profissionais de educação que atuam no espaço educativo, Freire (1996, p. 119) afirma que “a liberdade amadurece no confronto com outras liberdades, na defesa de seus direitos em face à autoridade dos pais, do professor, do Estado [...]. É decidindo que se aprende a decidir”. Logo, vale destacar a necessidade de se definir e deixar claro que aconteça o respeito mútuo entre os sujeitos, às diferenças e às individualidades socioculturais.

O educando ao perceber em sua aquisição do conhecimento e na relação com o outro que o respeito mútuo, a afetividade e que ele possa ao mesmo tempo ser crítico, tornar-se-á menos ansioso e irá produzir com maior frequência, com espontaneidade, com liberdade de expressão e com maior responsabilidade.

Para Freire (1996, p. 25) “O educador desde sua formação se convença definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar a



possibilidade para sua produção ou a sua construção”. Quanto à questão das relações interpessoais entre professor e aluno, Freire (1996, p. 67) ainda destaca que o professor deve “saber que devo respeito à autonomia e a identidade do educando exige de mim uma prática em tudo coerente com este saber”. Porém, essa é uma questão que necessita de ser edificada ao longo do tempo, não se trata de um processo fácil, mas deve ser construída conjuntamente pelo aluno, pelo professor, demais profissionais da educação no qual estão envolvidos, sem esquecer as contribuições e a participação da família durante todo o processo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação enfrenta graves problemas na atualidade. Entre os que afetam professores e técnico administrativos e pedagógico das escolas está a indisciplina dos educandos, muitos são os problemas que ocasionam tal problema. Entretanto, cabe aos profissionais da educação fazerem uma reflexão sobre como a indisciplina poderia adquirir um significado de ousadia, criatividade, de inconformismo e de resistência.

É imprescindível argumentar que a construção de normas feita através de uma parceria entre professores e alunos é condição para se conviver bem em sala de aula. A construção dessas regras deveria permitir, tanto ao educador como ao educando, conduzir e resolver diferentes problemas de comportamento. Na realidade, a construção de normas e regras em conjunto favorece a criação de um clima de cidadania e a escola passa a ser vista como um espaço democrático e ao mesmo tempo, um lugar de ensino para a criança que está em preparação para a vida adulta.

A escola não deve ser apenas um local agradável, mas polêmico, de conflitos, discussões e crescimento, onde o desejo dos alunos, as suas necessidades, represente os principais parâmetros para elaboração de diretrizes que visem à organização da escola, o rendimento do aluno no que diz respeito a sua



aprendizagem e, principalmente, a formação de indivíduos que não se tornem alienados e sim, que possuam o poder de discussão, criticidade e que se tornem cidadãos atuantes na sociedade em que vivem. Sabe-se que um dos objetivos da educação é o de auxiliar o indivíduo a construir uma autonomia de pensamento e reflexão que leve, entre outras coisas, a conscientização da necessidade de respeitar as regras de convivência social, sem que sejam necessários a repressão e o uso de punições e castigos severos.

Para tanto, é indispensável que professores atentem para o problema da indisciplina em sala de aula, é preciso ter a compreensão que muitas vezes os alunos são indisciplinados porque o conteúdo estudado não está atraindo sua atenção, ou eles estão com problemas familiares. Portanto, é necessário que os educadores planejem suas aulas considerando as melhores maneiras de prender a atenção dos educandos e sempre que possível, fazer uma relação entre o que está sendo estudado com a realidade do aluno.

É de suma importância a construção de uma política pedagógica educacional escolar participativa, ouvindo todos os envolvidos no processo, não apenas os professores, os profissionais da educação, mas ouvir também a família e principalmente dar voz ao educandos, pois a partir do momento que se sentirem incluídos e valorizados irão contribuir para a transformação e as mudanças desejadas para a promoção de um bom relacionamento, um bom convívio social e a qualidade da educação e o desenvolvimento do conhecimento e da aprendizagem serão realizadas.



REFERÊNCIAS

AQUINO, Júlio Groppa. (org.). **Indisciplina na escola**: alternativas teórica e práticas. 4. ed. São Paulo: Summus, 1996.

_____. A indisciplina e a escola atual. **Revista da Faculdade de Educação**, São Paulo, v. 24, nº 2, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GUILHERME, Paulo. **Professor no Brasil perde 20% da aula com bagunça na classe diz estudo**. 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/educacao/noticia/2015/03/professor-no-brasil-perde-20-da-aula-com-bagunca-na-classe-diz-estudo.html>. Acesso em: 12 dez. 2016.

LA TAYLLE, Ives. **Limites**: três dimensões educacionais. 3. ed. São Paulo: Ática, 2000.

_____. **Moral e ética**: dimensões intelectuais e afetivas. Porto Alegre: Artmed, 2006.

PORTAL EU ESTUDANTE. **Pesquisa releva que o Brasil tem o maior índice de indisciplina em aula**. Março/2015. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/eu-estudante/ensino_educacaobasica/2015/03/11/ensino_educacaobasica_interna,475092/pesquisa-releva-que-o-brasil-tem-o-maior-indice-de-indisciplina-em-aul.shtml>. Acesso em: 12 dez. 2016.

SENRA, Ricardo. **Escolas, alunos e professores 'não falam mesma língua'**. 2014. Disponível em:<http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/08/140820_salasocial_elei_coes_educacao_contexto_rs>. Acesso em: 12 dez. 2016.

TIBA, Içami. **Disciplina**: o limite na medida certa. 37. ed. São Paulo: Gente, 1996.

Recebido em: 14/12/2016
Aprovado em: 06/06/2017

